

FREQUENCIA E EVASÃO DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTUDO EXPLORATÓRIO ENTRE ALUNOS DE 6ª E 7ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL

ÁLVARO ADOLFO DUARTE ALBERTO
RAIMUNDO BARBOSA DE SOUZA
Universidade de Évora – Évora – Portugal
rbsouza50@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Educação Física brasileira demonstra grandes percalços ao longo de sua história, e de maneira mais intensa dentro âmbito escolar, já que não consegue estabelecer um verdadeiro consenso em relação aos conteúdos da Educação Física escolar bem como os objetivos da mesma. Apesar da obrigatoriedade, os alunos relutam em participar das aulas e apontam diversos motivos para tal.

A desmotivação, portanto, é clara, já que muitas vezes os conteúdos competitivos vistos nas aulas de Educação Física como, por exemplo, os das modalidades esportivas, fazem com que alunos que julgam não possuir as habilidades necessárias para participar de tais modalidades, não participem das aulas. Outro fator também é o comportamento do professor que, muitas vezes, influencia no comportamento dos próprios alunos. Desse modo, a parcialidade do professor com alguns alunos, a falta de organização das aulas, falta de domínio do conteúdo bem como a falta de respeito do professor com os alunos são alguns fatores que fazem com que os alunos se sintam desmotivados em participar das aulas de Educação Física na escola.

Assim, no intuito de entender de maneira mais aprofundada essas razões em relação a que uma parcela significativa dos alunos em não participarem das aulas de Educação Física dentro da escola, é que esse estudo se desenvolve e busca conhecer os Motivos para não frequentar aulas de educação física: estudo exploratório entre alunos de 6ª e 7ª série do ensino fundamental.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Ao observarem-se as publicações acerca da história da Educação Física, percebe-se que existem milhares, com poucas diferenças, bem como as publicações acerca da conceituação da Educação Física. Dentre esses trabalhos podem-se citar autores como Lino Castellani Filho, Valter Bracht, Mauro Betti, João Batista Freire, Carmen Lúcia Soares, Vitor Marinho de Oliveira, Ana Arantes, dentre diversos e inúmeros outros. Desse modo, pode-se dizer que a Educação Física possui sua gênese bastante documentada e o movimento humano passa cada vez mais a fazer parte da vida do homem. A utilização de máquinas no processo de produção e a burguesia assentada no poder configuram um quadro, no mínimo, desafiador para o homem contemporâneo.

E no final da década de 1930 tem início um grande intercâmbio pedagógico-cultural proporcionado por congressos de Educação Física. A realização desses eventos fez desaparecerem a conotação nacionalista que caracteriza mais de um século da ginástica contemporânea.

AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR DE ONTEM E DE HOJE: TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS

No contexto do presente estudo, é possível observar que a Educação Física sempre teve entraves em seu desenvolvimento dentro do ambiente escolar. Porém, por ser disciplina obrigatória na rede de ensino brasileira, são necessárias ações conjuntas das escolas e dos professores. Que possam apresentar outras perspectivas onde seja possível discutir questões acerca da motivação do aluno na aula da referida disciplina, de modo a prover algo que realmente contribua para o desenvolvimento físico, cognitivo, social, intelectual e de aprendizado desses alunos.

As aulas de Educação Física dentro da escola no ensino fundamental

Para Betti (1991), é necessário fazer com que o aluno seja levado a descobrir os diversos motivos para praticar algum tipo de atividade física e não simplesmente impô-la, dizendo que é o melhor para manutenção ou melhoria da qualidade de vida e pronto. Conforme o autor, o professor nesse contexto é o mediador. E o aluno, nesta perspectiva desenvolve atitudes positivas em relação à atividade física, aprendendo comportamentos adequados, desenvolvendo e ampliando conhecimento, compreensão e análise de todas as informações relacionadas às conquistas da cultura física.

Nesse sentido, é necessário conhecer as diretrizes e normas que são desenvolvidas e estabelecidas para tal. Como é o caso da Lei nº 9.394/96, conhecida como Lei Diretrizes e Bases da Educação ou LDB, que coloca os objetivos que cada nível de ensino deve ter e alcançar, sendo alguns comuns a todos os níveis de ensino e outros específicos para cada um. No que concerne ao ensino fundamental; preparo à cidadania, desenvolvimento de diversas habilidades e capacidades, o aprimoramento do educando como pessoa, incluindo sua formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico (Brasil, 1999, p. 32). É necessário, no entanto, ver quais são as possibilidades que a Educação Física escolar tem, hoje, considerando-se as premissas dos PCN's e da LDB.

A MOTIVAÇÃO PARA A PARTICIPAÇÃO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Considerações acerca da motivação

A origem etimológica da palavra parece ter oferecido a justificativa para a ampliação do seu sentido. Derivada do latim "motivus", que significa mover, a palavra motivação assumiu o significado de "tudo aquilo que pode fazer mover", "tudo aquilo que causa ou determina alguma coisa", ou até mesmo "o fim da razão de uma ação" (GONDIM e SILVA, 2004, p. 145).

Motivação pode ser definida como uma ação dirigida a objetivos, sendo auto-regulada, biológica ou cognitivamente, persistente no tempo e ativada por um conjunto de necessidades, emoções, valores, metas e expectativas. Esse conceito se constrói sobre um processo psicológico que se baseia em: ênfase, foco, pergunta e resposta.

É neste sentido de tentar adequar as teorias da motivação ao ambiente escolar que a questão da afetividade deve ser trabalhada, entre aluno e professor principalmente.

Motivação nas aulas de Educação Física

As teorias da motivação vão sendo desenvolvidas ao longo do tempo, sendo quase sempre voltadas ao mundo do trabalho. Porém, se se tiver a escola - e a educação - como instituição formadora dos indivíduos para o mundo do trabalho vê que elas podem ser facilmente adaptáveis à vida escolar, como em qualquer outro âmbito da vida do ser humano.

Relacionando motivação com emoção, ou seja, partindo do pressuposto que se deve motivar o indivíduo a fazer algo e não somente a trabalhar, pois nesta perspectiva parte-se da melhoria da eficiência no trabalho, Murray (1978, p. 32), coloca que pode não haver uma concordância em relação a um conceito conciso do que vem a ser motivação, mesmo com o que foi visto neste estudo até o momento, há, no entanto, segundo o referido autor, um acordo entre os teóricos do tema de que *um motivo é um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa*. O autor ainda completa dizendo que *não é diretamente observado, mas inferido do seu comportamento ou, simplesmente, parte-se do princípio de que existe a fim de explicar-se o seu comportamento* (Murray, 1978, pp. 32-33).

Pode-se ver ainda, em diferentes autores como, por exemplo, Maggil (1984) que a motivação está relacionada à palavra motivo, ou seja, para alguém fazer algo, a pessoa tem que ter um motivo para agir. Este motivo, de acordo com o autor, pode ser considerado como uma força interior, um impulso, uma intenção que leva uma pessoa a fazer algo ou agir de uma certa forma. Desse modo, pode-se dizer que quando falar-se sobre motivação acaba por implicar na investigação dos motivos e razões que influenciam em um determinado comportamento, ou seja todo comportamento é motivado, é impulsionado por motivos.

Desse modo, vale à pena definir motivo. Motivo, para Winterstein (1992), vem a ser uma construção hipotética, que se refere a um fator interno do ser vivo, desencadeando, então,

uma ação específica, dando uma direção, mantendo seu curso bem direcionado a um objetivo de modo a finalizá-la e que pode ser classificados em dois grupos:

- 1) Inatos ou primários: constituídos pelas exigências orgânicas e fisiológicas;
- 2) Adquiridos ou secundários: formados pelas necessidades sociais de origem externa, como determinados hábitos, por exemplo, (Murray, 1978, p. 38).

O referido autor considera que os *motivos sociais* fazem com que as pessoas se relacionem com outras pessoas e essa interação, conforme sua natureza pode ser classificada como afiliação, agressão, poder, assistência etc.. Demonstrando, portanto, que os motivos também dão origem às relações sociais.

Segundo Fernandez (1982), devemos destacar os motivos orgânicos e os sociais. De acordo com o autor, as motivações orgânicas devem ser consideradas como aquelas que possuem uma localização fisiológica no organismo, como, por exemplo, fome, sede, dor, etc., já as sociais são aquelas relacionadas com o componente sócio-cultural e intelectual das pessoas e são as que derivam do processo de socialização.

Para Horn (1992), os motivos não são imutáveis, ou seja, são passíveis de mudanças conforme o contexto no qual o indivíduo está inserido, sendo adaptável ao tempo, à novas experiências vividas pelo indivíduo, com o contexto sociocultural, etc..

No que concerne aos motivos que levam o indivíduo a aderir à prática desportiva na escola podemos relacionar fatores pessoais, fatores ambientais e às próprias características do esporte escolhido. De acordo com Saba (2001, p.71) *a aderência pode ser entendida como o ápice de uma evolução constante, rumo à prática do exercício físico inserida no cotidiano de um indivíduo.*

Assim, perante tais motivos, é possível verificar as diferenças - que devem estar claras para os professores de Educação Física escolar, sendo que o primeiro visa a performance e o rendimento a todo e qualquer custo, já o adolescente nas aulas de Educação Física tem o interesse de brincar, mesmo assim impulsionado no sentido de demonstrar competência se sobressaindo nas aulas.

Dentre os motivos existe, de acordo com Maslow (1987, p. 41), uma divisão que é hierárquica que podem ser classificados, segundo o autor citado, em *impulsos básicos, motivos sociais, motivos para estimulação sensorial, motivos de crescimento, idéias como motivos.*

Para Puente (apud Marzinek, 2004, p. 22), a motivação extrínseca pode ser caracterizada como *aquela que é controlada por reforços administrados por um agente externo.* E a motivação intrínseca *é um comportamento mediado por reforços sobre os quais o próprio indivíduo tem controle.*

Desse modo, pode-se observar que na vida do adolescente, este agente externo será a escola, que buscará o seu encaminhamento para a aprendizagem, porém o jovem, como todo indivíduo, possuirá sua própria motivação.

De acordo com Costa (1998), evidencia que as motivações intrínsecas podem ser consideradas mais duradouras e, assim, também são mais persistentes, uma vez que estão relacionadas com a própria prática e *ao conceito "eu gosto".*

Reeve (apud Marzinek, 2004, p. 26) é um dos autores que também conceitua a motivação intrínseca como sendo *uma conduta realizada por interesse e prazer,* que pode e deve ser baseada em uma série de necessidades psicológicas, *dentre elas a autodeterminação, a efetividade e a curiosidade, responsáveis pela iniciação e pela persistência da conduta frente à ausência de fontes extrínsecas de motivação.*

Desse modo, é de extrema importância que o professor, segundo Marzinek (2004), desenvolva estratégias nas quais os adolescentes vivenciem atividades lúdicas e estejam muito mais motivados intrinsecamente (pelo prazer, força de vontade, determinação) do que por motivos extrínsecos (influência dos pais, do professor de Educação Física, de amigos). A opção pela atividade lúdica deve ser intencional e própria, permitindo ao aluno um maior envolvimento nas aulas de Educação Física.

O PAPEL DO PROFESSOR NA MOTIVAÇÃO DO ALUNO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Pode-se dizer que diversos fatores influenciam na motivação ou desmotivação nas aulas de Educação Física, inclusive pessoas. No caso, o professor de Educação Física, é peça chave para essa motivação do aluno, pois é ele quem seleciona os conteúdos e também os desenvolve nas aulas. É ele o maior responsável pela aula.

Deve-se colocar também, não somente a motivação do aluno para participar das aulas de Educação Física, mas também a motivação dos professores em trabalhar com a disciplina, sua dicotomia, problemáticas, desvalorização, etc.. Desse modo, deve-se indicar o estudo de Moreira (1997), que estudou a motivação dos professores de Educação Física em ministrar novos conteúdos aos alunos que não sejam as quatro modalidades esportivas de quadra.

De acordo com Guiraldelli (1989), o professor deve ser considerado como o profissional que se preocupa com a qualidade de vida dos adolescentes, com destaque para o aspecto educacional/formativo, cujo qual a Educação Física inserida no ambiente escolar deve estar voltada.

Desse modo, em relação ao professor de Educação Física, de acordo com os PCN's (1999), compete buscar, a todo custo, a motivação com o trabalho desenvolvido na escola, colocando o seu componente curricular no mesmo patamar de seriedade e compromisso que os demais no processo de formação do educando. De acordo com o referido documento, tais idéias podem ser estranhas a alguns educadores.

É necessário ressaltar, no entanto, que as aulas de Educação Física não podem se restringir somente ao esporte de rendimento, segundo Marzinek (2004), uma vez que existem muitos alunos com dificuldades em relação ao desenvolvimento e aquisição de habilidades e competências e que necessitam de atendimento e compreensão para a realização das aulas com entusiasmo e motivação.

DISCUSSÃO

TABELA 1 - ALUNOS PESQUISADOS - PARTICIPANTE E NÃO PARTICIPANTES DA AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA

	Nº Participante	Porcentual
Sim	122	65,9
Não	63	34,1
Total	185	100,0

Conforme pode ser visto 65,9% do total de 185 alunos participantes do estudo, freqüentam as aulas de Educação Física na escola, independente do motivo e que uma porcentagem de alunos que não freqüentam as aulas de Educação Física, 34,1%, ou seja, 63 dos alunos participaram da pesquisa. Dentre as justificativas para a não participação nas aulas de Educação Física, observou-se a falta de domínio do professor, falta de ânimo dos alunos, o tratamento parcial do professor com os alunos que possuem mais habilidade em alguma modalidade esportiva, o tratamento preferencial por modalidades esportivas competitivas deixando de lado outros tipos de manifestações como, por exemplo, brincadeiras; dança; jogos, etc. demonstrando que mesmo a obrigatoriedade da disciplina no âmbito escolar, não traduz freqüência dos alunos na mesma.

Um dos fatores que desmotivam os alunos à prática da Educação Física, foi, justamente, não somente a postura do professor, mas também, o relacionamento entre os próprios alunos. Isto é, conforme dados levantados observou-se que a falta de comportamento e empenho dos colegas (37,8%) é o item que mais desmotiva os alunos a freqüentarem as aulas. Tal fator vale ressaltar é reflexo da falta de domínio da turma por parte do professor, cuja porcentagem chegou a 70% dos participantes do estudo.

Ainda em relação aos colegas, a ação anti-desportiva (5,8%); a falta de organização (35,7%) e de humor do professor (7,6%) são outros fatores desmotivadores apresentados pelos alunos que não freqüentam as aulas de Educação Física.

Focando na postura do professor, como fator de desmotivação para a participação nas aulas de Educação Física, está, em primeiro o lugar, o relacionamento com aluno (29,7%), seguido de: pouco humor do professor, pouco empenho em ministrar as aulas e pouco domínio da turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme foi possível observar, no presente estudo, que a Educação Física, seja ela dentro ou fora da escola, ainda acolhe cada dia uma pouco mais as crianças e os adolescentes, em idade escolar ou não. O que nos remete a refletir, então, o que faria com que uma parcela bastante significativa dos alunos não participem da Educação Física dentro da escola.

Com o que se viram aqui, diversos motivos pode ser levantados para a não participação dos alunos na Educação Física desenvolvida dentro da escola indo desde a falta de espaços específicos e materiais em bom estados até o relacionamento com os colegas e a postura do professor.

A intenção deste estudo foi verificar, portanto, se há motivos que levam alunos de 6ª e 7ª série do Ensino Fundamental a não freqüentarem as aulas de Educação Física. Também se pôde perceber que, quanto à motivação, não houve diferenças significativas entre sexos em nenhum dos itens observados no questionário aplicado.

Sendo assim as divergências verificadas entre os sexos masculino e feminino, principalmente no que diz respeito à faixa etária dos indivíduos, pode-se considerar que os alunos das 7ª séries do ensino fundamental estão menos motivados em relação aos alunos das 6ª séries do ensino fundamental para a prática das aulas de Educação Física.

Também se pôde verificar que através do empenho do professor em ministrar aulas prazerosas e em dominar os alunos de modo com que eles se sintam a vontade, deve desenvolver aulas para todos, demonstrando a importância da atividade física dentro e fora da escola.

Pode-se concluir, portanto, não foi grande a maioria dos alunos que não frequentam as aulas de Educação Física, mas uma parcela menor, porém bastante significativa. Essa parcela aponta que dentre os motivos de não freqüentar as aulas estão: falta de preparo do professor, falta de bom relacionamento professor aluno, falta de bom relacionamento entre os alunos, esportes competitivos e excludentes, falta de entendimento da importância da atividade física para a qualidade de vida e socialização dos alunos.

Dessa forma, através do questionário, contextualizado através da revisão bibliográfica, este estudo possibilitou conhecer um pouco mais a respeito do que pensam os alunos sobre as aulas de Educação Física, como também contribuir como referencial de motivação para quem tem o interesse de aprofundar seus estudos nesta área. Por fim, dados os limites desta pesquisa, sugere-se que sejam realizados novos estudos sobre esta temática, com o propósito de contribuir para a busca de novos conhecimentos sobre as razões pelas quais os alunos participam ou não das aulas de Educação Física

REFERÊNCIAS

- ARANTES, A.C. **A história da educação física escolar no Brasil**. Revista Digital EFDeportes.com. Buenos Aires, a. 13, n. 124, setembro de 2008. Disponível em: [HTTP://www.efdeportes.com/efescolar_arantes.htm](http://www.efdeportes.com/efescolar_arantes.htm). Acesso em: 22/07/2009.
- BETTI, M. **Educação Física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.
- _____. **Ensino de primeiro e segundo graus**. Educação física para que? Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v.13, n.2, p.282-287, 1991.
- BRACHT, V. **Educação Física: a busca da autonomia pedagógica**. In: Revista da Fundação de Esporte e Turismo do Paraná. Ano 1, n. 2, 1989.
- _____. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.
- BRASIL. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO. Lei nº 9394/96.
- BRASIL. PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. EDUCAÇÃO FÍSICA. Rio de Janeiro, 2000.
- BRASIL. REGULAMENTAÇÃO PROFISSÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA. 1º de setembro de 1998. Lei nº 9696/98.
- BRASIL (1999). Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Fundamental II: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/Ministério da Educação. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1999
- CASTELLANI FILHO, L. **A educação física no sistema educacional brasileiro: percurso, paradoxos, e perspectivas**. Tese de doutorado. Campinas: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1999.
- FERREIRA, M. S. **Aptidão física e saúde na educação física escolar: ampliando o enfoque**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v.22, n.2, p. 41-54, jan. 2001.
- FERNÁNDEZ, J.L. **Psicologia General II**. Madrid: UNED, 1982.
- GONDIM, S. e SILVA, N. **Motivação no trabalho**. In: ZANELLI, J.; ANDRADE, J. e BASTOS, A. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2004, pp. 145-176.
- HORN, T. **Advances in Sport Psychology**. Champaign, IL: Human Kinetics, 1992.
- MAGGIL, R. A. **Aprendizagem Motora: Conceitos e Aplicações**. São Paulo: Edgard Blucher, 1984.
- MURRAY, E. J. **Motivação e Emoção**. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1978.
- MARZINEK, A. **A motivação de adolescentes nas aulas de educação física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Brasília, Universidade Católica de Brasília, 2004.
- MASLOW, A. M. **Motivation and personality**. New York: Harper & Row, 1987.
- OLIVEIRA, V.M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- OLIVEIRA, M. **Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil (1968-1984): entre a adesão e a resistência**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esportes. Campinas, v. 25, n.2, Janeiro de 2004.
- _____. **Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil: (1968-1984): história e historiografia**. In: Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v.28, n.1, p. 51-75, jan./jun. 2002.

Raimundo Babosa de Souza
Rua Odilardo Silva 2765, Trem
68901-017 - Macapá – AP - Brasil
Tel: 96-3223-5469 - 96-9114-4004
E-mail: rbsouza50@hotmail.com